

## O COTIDIANO DAS ESCOLAS MURA: QUEBRANDO AS ARMADILHAS NO DIA-A-DIA DA ESCOLA

Valéria Amed das Chagas Costa – [tiarodval@ufam.edu.br](mailto:tiarodval@ufam.edu.br)

Cláudio Gomes da Victória – [victoriaclaudio@hotmail.com](mailto:victoriaclaudio@hotmail.com)

Rita Floramar dos Santos Melo – [riflosame@hotmail.com](mailto:riflosame@hotmail.com)

Romy Guimarães Cabral – [romycabral@click21.com.br](mailto:romycabral@click21.com.br)

### Introdução

O presente texto aborda relatos de professores(as) Mura sobre suas práticas pedagógicas e os desafios enfrentados no cotidiano escolar. Tais relatos resultam do trabalho de um grupo de pesquisadores(as) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM)<sup>1</sup> na realização de duas pesquisas com o povo Mura da região de Autazes, através da articulação com a Organização de Professores Indígenas Mura (OPIM): Projeto 1 - “Formação do(a) professor(a) no contexto amazônico” (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, 2002-2004), no qual realizaram-se três Fóruns de Formação Continuada Mura<sup>2</sup>: I – Formação de Professores(as) (2003), II – Currículo (2004) e III - Meio Ambiente (2004), com a participação de todos(as) os(as) 42 professores Mura do Município de Autazes. Projeto 2 - “Os(as) professores(as) Mura e a construção de uma política indígena de educação escolar: princípios, processos e práticas pedagógicas” (Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Amazonas - FAPEAM, 2004-2005), no qual realizaram-se mais três Fóruns: IV – Os(as) Professores(as) Mura e a construção de uma Política Escolar: Dialogando com as Lideranças (2004), V - Conhecendo as leis e os direitos para fortalecer a escola, a cultura e a identidade Mura (2004) e VI - Projeto Político-Pedagógico: Pensando e Fazendo a Educação Escolar Mura (2005), que contaram com a presença de lideranças das aldeias, além dos(as) professores(as) Mura, alcançando a média de participação de 80 pessoas.

Localizado a 90 km de Manaus (AM), em linha reta, e a 120 km via terrestre, Autazes situa-se entre os rios Madeira, Purus, Amazonas e Solimões, encontrando-se em uma área rica em rios, lagos e igarapés, ocupando uma área de 7.986 km<sup>2</sup>.

Os Mura são um povo indígena que ocupa tradicionalmente a bacia do rio Madeira (AM) e que, em razão da invasão de seu território, expandiu-se, passando a

<sup>1</sup> Grupo que faz parte da Linha de Pesquisa “Formação e práxis do educador(a) frente aos desafios amazônicos”, do PPGE/FACED/UFAM e é composto atualmente pelos professores Dra. Lucíola Inês Pessoa Cavalcante, Dra. Ana Alcidia de Araújo Moraes, Dra. Rosa Helena Dias da Silva, Dr. José Silverio Baía Horta, Msc. Valeria Amed das Chagas Costa, Msc. Elciclei Faria dos Santos, Msc. Romy Guimarães Cabral, Msc. Martinez França de Souza; pelos mestrandos(as) Cláudio Gomes da Victória, Isabel Cristina Ferreira Aranha, Luciana Gomes Vieira Santos, Rita Floramar dos Santos Melo, Willas Dias da Costa e a aluna de Iniciação Científica Fabiana Freitas Pinto.

<sup>2</sup> Os Fóruns de Formação Continuada Mura, articulados pela Organização de Professores Indígenas Mura - OPIM e pelo grupo de pesquisadores da UFAM foram espaços que possibilitaram a construção de novos conhecimentos, o aprofundamento teórico e a reflexão da prática pedagógica, unindo pesquisa-ensino-extensão.

ocupar terras ao longo deste rio, concentrando-se na região do rio Autaz (AM). Após uma história de violento contato com as tropas oficiais no período colonial, sua população sofreu considerável diminuição. A pressão integracionista inseriu um número grande de indígenas na “mistura étnica” que caracteriza a população regional.

O movimento indígena vem recuperando o controle sobre seus territórios e buscando parcerias para promoção de desenvolvimento local sustentável com equilíbrio ambiental, através do aprimoramento de técnicas produtivas, a fim de adquirir maior autonomia econômica. A escola é uma grande parceira na busca desses objetivos.

#### **A educação escolar Mura**

Atualmente, o município conta com 42 professores(as) Mura, atuando em 10 escolas indígenas, que se caracterizam pelo modo específico e diferenciado de fazer educação escolar, que procura, de acordo com sua realidade, desenvolver uma educação baseada no jeito Mura de educar, superando as *armadilhas* do cotidiano que dificultam a consolidação da escola por eles sonhada.

Avaliando os avanços e desafios enfrentados – tendo como preocupação e meta o rompimento das *armadilhas* da escola – os(as) professores(as) Mura assim se manifestam:

Gradativamente fomos aprendendo a atuar com autonomia e a conquistar o espaço que nos cabia na sociedade majoritária e, principalmente em nossas próprias escolas, invertendo o quadro de outrora quando a maioria dos professores que ocupavam as escolas era de professores não-índios [...] (OPIM, 2003, p. 13).

Sobre as origens do recente e significativo processo de mudanças que se evidencia na realidade da educação escolar entre os Mura, vejamos o que dizem:

Há muito incentivado pelas lideranças, nós, professores Mura, a partir do ano de 1991, passamos a participar dos encontros realizados pela Comissão dos Professores Indígenas do Amazonas, Acre e Roraima (COPIAR), atualmente Conselho dos Professores Indígenas da Amazônia Brasileira (COPIAM), participando das discussões e levantando expectativas de mudanças na educação escolar nas terras indígenas Mura, com o objetivo de construir uma educação escolar indígena diferenciada, específica, intercultural, bilíngüe e de qualidade que atendesse aos anseios e interesses de nosso povo [...] (OPIM, 2003, p. 11).

Um acontecimento central e definidor de uma outra perspectiva de escola entre os Mura foi o Curso de Magistério Específico – o Mura-Peara – coordenado pela SEDUC/AM em parceria com a SEMEC/Autazes (1999-2003):

Com a execução do Curso de formação dos professores indígenas Mura suscitou-se fóruns de debates, discussões e questionamentos sobre a

situação atual e histórica do povo Mura no município de Autazes, utilizando-se de processos de pesquisa que contribuíram fundamentalmente para a formulação da proposta de construção curricular para as Escolas Mura, pois era interesse dos professores ocuparem o espaço que lhes é garantido na legislação indigenista vigente [...] (OPIM , 2003, p. 12).

Reforçando o valor desta formação, afirmam que:

Com o desenvolvimento do Curso de Formação dos Professores Indígenas Mura, conseguimos avanços significativos no processo de construção de nossa educação escolar oferecida nas escolas da aldeia, pois passamos a valorizar e a respeitar a realidade e a situação de cada aldeia, olhando a economia, os bens, os modos de troca e produção como concepções pedagógicas fundamentais para o processo que se implantava, bem como o território como conjunto de recursos naturais e tecnológicos que formam a base material da reprodução cultural do povo (OPIM, 2003, p. 13).

A escola indígena na perspectiva alterativa foi conquistada pelos povos indígenas como um instrumento de construção de projetos de autonomia, considerando as especificidades referentes a cada povo. No tocante a preservação e reafirmação de valores culturais, questões como a língua e as práticas tradicionais, tornaram-se alicerces fundamentais para o processo pedagógico dessa escola, contribuindo, assim, tanto para o fortalecimento dos conhecimentos tradicionais como para a ampliação destes. Esta nova organização educativa permitiu o enlace e a incorporação na lógica e no pensamento indígenas de conhecimentos teórico-práticos indígenas e não indígenas, os quais passaram a orientar a vida interna e externa da comunidade.

A escola indígena, por excelência, tem como diretriz quatro conceitos que expressam sua relevância social, quando objetivados e transformados em projetos sociais, políticos e culturais – protagonizados pelos índios - sejam nas áreas de educação, saúde e território, refletindo toda uma trajetória de apreensão política. São eles: interculturalidade, especificidade, bilingüismo e diferença.

Na concepção Mura, a escola indígena tem função socializadora e política. Esta função se evidencia no modo como organiza os conteúdos curriculares e os procedimentos pedagógicos, sempre com a participação de diversas lideranças indígenas (tuxauas, presidentes de comunidade, Agentes Indígenas de Saúde) e comunitários, incluindo também não indígenas (em especial pessoas ligadas às Secretarias de Educação Estadual e Municipal). Na interação entre estes atores, questões como formação continuada, organização e composição da escola, enquanto espaço de interlocução de saberes, demarcação e homologação da terra, estimulam o exercício de uma formação intercultural, dado o contato interétnico.

O enfoque intercultural é primo indicador do modelo educativo das escolas Mura, pois nela agregam-se conhecimentos Mura a conhecimentos advindos da sociedade envolvente e de outros povos indígenas. Soma-se a esta construção um alto grau de consciência da realidade multicultural que possuem os membros do povo Mura, caracterizando o exercício de sua pedagogia.

## O cotidiano Mura: vivendo a escola

O que significa tratar do cotidiano da educação escolar do povo Mura da região de Autazes? É, então, questionar o papel que cabe à escola, de um modo geral, neste tempo-espacó em que vivemos.

Como ressalta André (1999):

O enfoque no cotidiano escolar significa, pois, estudar a escola em sua singularidade, sem desvinculá-la das suas determinações sociais mais amplas. O propósito é compreender o cotidiano como momento singular do movimento social, e isso vai exigir, do ponto de vista teórico, o manejo de grandes categorias sociais como classe, cultura, hegemonia etc. Do ponto de vista metodológico isto implica complementar as observações de campo com dados advindos de outras ordens sociais, como por exemplo a política educacional do país, as diversas organizações sociais que exercem alguma influência na escola etc (p. 42).

Assim fazendo, e trazendo para a reflexão aquilo que nos têm mostrado a convivência com os(as) professores(as) Mura – enquanto um movimento étnico-político-cultural que constrói políticas e estratégias para suas escolas, tratar do cotidiano da escola Mura é lidar com as problemáticas da difusão de conhecimentos, do ambiente de ensino-aprendizagem, da afirmação identitária, do fortalecimento político-cultural, da apropriação de saber histórico-cultural, do espaço de luta por direitos.

Os(as) professores(as) Mura, cotidianamente, vêm produzindo artimanhas de reapropriação, de reinvenção dos espaços e tempos escolares apreendidos de uma experiência ou de um modelo de escola que lhes foi imposto. Nossa busca, enquanto grupo de pesquisa, tem sido entender esses processos. Nesse sentido, alerta-nos André (1995) que:

Conhecer a escola mais de perto significa colocar uma lente de aumento na dinâmica das relações e interações que constituem o seu dia-a-dia, apreendendo as forças que a impulsoram ou que a retêm, identificando as estruturas de poder e os modos de organização do trabalho escolar e compreendendo o papel e a atuação de cada sujeito nesse complexo interacional onde ações, relações, conteúdos são construídos, negados, reconstruídos ou modificados (p. 41).

Acreditamos que falar do cotidiano da educação escolar do povo Mura de Autazes, significa falar de processos que envolvem acima de tudo o compromisso com a luta por uma escola que se constrói e reconstrói tendo como base o diálogo com a comunidade.

Percebemos que a escola Mura vai muito além da instituição, porque em seu interior o magistério sobrepuja o ato de apenas dar aulas, expressando o cuidado com a vida do povo Mura. Falar de escola Mura é não se desvincular dos laços culturais de seu povo, de suas reivindicações, de aprender com os erros, de ser cidadão, da correção fraterna.

Ou seja, falar de uma escola Mura é falar de uma escola-comunidade, na qual todos são chamados a serem educadores(as), na perspectiva do fortalecimento

da luta pelos direitos dos povos indígenas e da identidade do povo Mura da região de Autazes. A comunidade participa ativamente na construção física e ideológica da escola, seja planejando aulas juntos, seja participando de reuniões de formação continuada dos(as) professores(as).

A relação escola-comunidade é um ponto de destaque nas ações dos Mura, como revela a fala do Tuxaua Ângelo, da Aldeia Igarapé-Açu, durante a realização do IV Fórum de Formação Continuada Mura, em Autazes:

A escola trabalha ombro a ombro com a comunidade, sempre se reunindo junto, para o trabalho na escola. A gente cresce com o agente de saúde informando a gente... com os filhos estudando e informando a gente (Relatório do IV Fórum, 2004, p. 13).

É como também afirma o Professor Alcilei:

[...]. Problema da comunidade pode se resolver pela escola. ESCOLA INDIGENA é Escola que vai à realidade... (Relatório do IV Fórum, 2004, p. 16).

A construção dessa escola é um compromisso assumido não somente pelos(as) professores(as) ou pela sua organização, a OPIM, mas coletivamente, por tuxauas, pais, agentes de saúde e os(as) próprios(as) alunos(as). Procuram desenvolver uma ação articulada com todos os comunitários em um trabalho integrado. A referência que possuem é sempre o projeto de vida e de escola do povo Mura e não trajetórias individuais. Tanto é assim que os(as) professores(as) Mura não aceitaram concorrer individualmente em vestibulares macros ou cursar individualmente o ensino superior, e atualmente lutam junto à UFAM por um curso universitário diferenciado – uma Licenciatura Específica para Formação de Professores(as) Mura<sup>3</sup>.

Assim, as práticas pedagógicas que nascem na dinâmica de uma convivência compromissada com questões coletivas, estabelecem a criação de um novo modo de se fazer educação, buscando romper as *armadilhas* que dificultam a materialização da escola sonhada. Uma educação que se processa no dia-a-dia de uma escola construtiva de práticas pautadas no respeito ao outro, configurando-se em um modo específico de ser professor(a) e de ser aluno(a).

A escola Mura procura superar os obstáculos postos por modelos arcaicos de práticas pedagógicas, enfatizando a pesquisa enquanto norte do processo de ensino-aprendizagem e alargando horizontes para a consolidação de uma escola que, no estabelecimento de suas práticas pedagógicas, não se feche em torno de si, mas se abra aos conhecimentos do outro, conforme dito a seguir:

[...]. Nós desenhamos aqui uma castanheira, um pouco pequena... É uma castanheira brasileira mesmo, e ela tá chorando, porque em 2001, eu fiz

---

<sup>3</sup>Curso elaborado pelo Grupo de Pesquisa, ao longo do ano de 2006 e início de 2007, a partir de solicitação da Organização dos Professores Indígenas Mura (OPIM) e com base em projeto aprovado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), através da Secretaria de Ensino Superior (SESu) e Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), no contexto do Programa de Apoio à Formação Superior e Licenciaturas Indígenas – Prolind (Relatório do Projeto de Curso de Licenciatura Específica de Professores Indígenas Mura, 2007, p. 2).

uma pesquisa com os alunos de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> série em aldeia, fazendo um levantamento sobre qual era o tipo de madeira, a espécie de madeira mais utilizada na aldeia e lá nós percorremos 14 casas, a madeira que teve diferente entre as 14 casas, foram somente os esteios, que não deixam de não ser castanha-sapucaia, que é castanheira também... (Professor Raimundo, III Fórum, 2004).

[...] a escola junto com os professores tem buscado incentivar a comunidade a estudar sua própria realidade porque antes o planejamento vinha pronto pra gente; não tinha o cuidado de pesquisar, de buscar conhecimentos, e a gente só fazia transcrever o que estava escrito; só era pegar o livro e passar no quadro e o aluno copiava; era uma coisa tipo mecânica, o aluno não pensava, o professor não pensava; hoje não, o professor tem que pensar, tem que pesquisar, tem que morar na aldeia... (Professor Mariomar, Relatório do VI Fórum, 2005, p. 65).

Os(as) professores(as), as lideranças, os(as) comunitários(as) e os(as) agentes indígenas de saúde reconhecem que a forma do(a) professor(a) planejar o ensino e ensinar na escola mudou, como se percebe em alguns dos relatos já citados e nestes que se seguem:

Agora é diferente, agora a metodologia é indígena. Pelo menos os trabalhos com a metodologia indígena tem participação. Por exemplo, o planejamento tem que ser feito junto com a comunidade, junto com os alunos, junto com as lideranças, com os agentes de saúde. Então, eles trabalham de modo diferente, eles são mais criativos, os professores, e eles aproveitam também o conhecimento dos próprios alunos, porque os alunos já têm também uma criatividade. Então eles tentam ver aquilo que o aluno já tem, eles apenas complementam e enriquecem mais a sabedoria do próprio aluno. Então, a metodologia hoje é diferente: eles estudam ou passam conhecimento da realidade da própria aldeia (Grupo das lideranças e comunitários, Relatório do IV Fórum, 2005, p. 71-72).

Porque antes o ensino era feito apenas com os livros que a secretaria mandava pras escolas. Eles ensinavam tudo o que tinha naqueles livros: copiavam e passavam para os alunos. Hoje é diferente, hoje a escola é, o professor, quer dizer, ele já é um professor criativo, ele já pesquisa e faz as perguntas pro aluno e o aluno vai responder as perguntas de acordo com a pesquisa que ele faz com a comunidade. Ele faz a pergunta e o aluno vai consultar as aldeias, para saber como era no passado, pra poder responder aquilo que o professor pediu no trabalho da escola. Então não é mais um questionário de livro: eles já vão pesquisar na comunidade e trazer para a escola. É diferente.... (Grupo das lideranças e comunitários, Relatório do IV Fórum, 2005, p. 74).

É possível notar que possuem clareza das mudanças que já aconteceram na escola Mura. Estes relatos dos(as) professores(as) Mura nos remetem para a constatação de que a criatividade – de professores(as) e alunos(as) – se constitui em um elemento precioso para quebrar as *armadilhas* do dia a dia da escola.

Tais práticas buscam romper com a perspectiva integracionista dos antigos projetos de escolarização historicamente implantados nas aldeias indígenas, conforme se pronunciam os Mura, no Projeto Político-Pedagógico da Escola Indígena Mura (OPIM, 2003, p. 10-11):

Até há pouco tempo as escolas localizadas nas áreas indígenas no município de Autazes eram consideradas e caracterizadas como escolas rurais, seguiam rigorosamente as mesmas orientações estabelecidas pelo sistema estadual e municipal de ensino e, administradas, em sua grande maioria, por professores não-indígenas. O quadro de professores era até então formado por professores indígenas e não-indígenas leigos, indicados e nomeados pelo prefeito municipal para atuarem nessas escolas. Mesmo atuando em suas próprias escolas, vivenciando seu universo cultural, os professores Mura eram considerados incapazes de desenvolverem um processo de educação eficiente e de qualidade.

Os professores indígenas não eram reconhecidos pela secretaria municipal de educação como categoria específica e, por não possuírem a menor qualificação, tinham que aplicar obrigatoriamente a metodologia utilizada pelas escolas do estado com conteúdos programáticos preestabelecidos, alheios por não contemplar em nenhuma situação a realidade vivida pelos alunos em suas aldeias. A chamada “grade curricular” era elaborada pela Secretaria de Estado da Educação e repassada para a Secretaria Municipal de Educação que, consequentemente, repassava para as escolas da zona rural, onde as escolas indígenas estavam inseridas. De cumprimento obrigatório, o currículo utilizado resultava, assim, num elevado índice de reaprovação dos alunos. Nessa época ainda não se falava em educação escolar indígena, muito menos do cumprimento da política educacional voltada para a valorização da diferença cultural entre os povos indígenas, embora já existissem.

A função dessa escola na aldeia continuava com os mesmos propósitos de antes, “civilizar” e “integrar” o povo indígena à sociedade envolvente, contribuindo cada vez mais para a descaracterização de nossa cultura, desestruturando nosso povo e nossa organização, estabelecendo cada vez mais uma relação de dominação, tornando-nos “caboclos” frente à sociedade local e envolvente. O próprio índio Mura não se reconhecia como tal, tinha vergonha de sua própria identidade em razão do alto nível de preconceito e discriminação. O que existiam na realidade eram escolas de não-índios funcionando dentro de nossas aldeias, de indígena não tinha nada.

Vê-se claramente como era a escola entre os Mura e para que estava servindo. Passa então de instrumento de negação das culturas a “instrumental decisivo na reconstrução e afirmação das identidades” (SILVA, BONIM, 2003, p. 37). Mais ainda:

[...] a escola tem sido entendida como um lugar onde a relação entre os conhecimentos próprios de cada cultura e os novos conhecimentos, advindos do contato intercultural, poderão se articular. O espaço escolar pode ser também uma possibilidade de informação a respeito da sociedade nacional, favorecendo o diálogo interétnico, o confronto de diferentes lógicas, projetos e perspectivas e a construção de relações igualitárias – fundamentadas no respeito, reconhecimento e valorização das diferenças culturais – entre os povos indígenas, a sociedade civil e o estado (idem).

Os(as) professores(as) desenvolvem, em sala de aula, a pedagogia que lhes parece mais adequada ao povo Mura, na qual incluem como ferramenta básica o diálogo. Desse modo, têm a exposição dialogada como marca, desenvolvendo a

pedagogia do diálogo (FREIRE, 1996, p. 152-159). Demonstram uma expressiva preocupação com a aprendizagem dos alunos, evidenciado, principalmente, por meio da prática que têm de começar a aula pelo conceito dos alunos acerca do que estão ensinando. Pelo que observamos na simulação das aulas dadas por eles(as), no II Fórum de Formação Continuada (2004), a pergunta tem lugar obrigatório nas aulas, na participação em encontros, nas rodas de conversa, empreendendo a pedagogia da pergunta preconizada por Freire (1985).

Percebemos então, o valor dado à escola Mura, posto que nela se mostra de forma clara e consciente que estes sujeitos não medem esforços quando se trata de escrever, construir e reconstruir a própria história, alcancando novos vôos, novas remadas, indicando uma projeção de vida tendo a escola como meio, como nos situa o relato do Professor Erlande:

Eu estive anotando alguns pontos aqui, que lembra assim - eu vou colocar o Mura como referência - do passado: a questão das danças, do ritual, que eles praticavam; porque a gente sabe que o nosso povo, ele tinha uma prática, uma forma de se organizar, de dançar, de trabalhar. Então, isso lembra muito quando eles viviam antes da chegada dos não índios, eles viviam daquela forma. E, um outro ponto que eu quero colocar também é, repetindo, por exemplo, lá para a nossa aldeia é a questão da doença "trazida" pelos não índios, tá? Que reflete muito na nossa aldeia porque é uma questão que a sociedade nossa, ela tá envolvida bastante com a não-índia... tem que haver uma conscientização.. um trabalho pela escola já vem sendo desenvolvido (Comentários Sobre o Filme Vozes da Floresta, III Fórum, 2004).

Neste sentido, o professor Mura se torna autor e ator de sua própria história, pois quando suas ações indicam que educar é proporcionar ao outro a reconstrução da própria experiência de vida, ele (Mura) redefine formas próprias de ser Mura. Sua prática pedagógica não está só permeada pelo ensino de conteúdos disciplinares, mas principalmente pela ação consciente de estar formando cidadãos.

Corroborando com estas colocações, Garcia (2003) afirma:

[...] das catástrofes e ruínas que não cessamos de herdar da história, permanece a necessidade de abrirmos o conceito de espaço para a vida social a fim de compreendermos esta mesma vida social e atuarmos nela. Neste sentido, tornamo-nos atores sociais, com a responsabilidade performativa de um papel histórico (entre outras nuances), mesmo que a história que consigamos tocar seja apenas uma sempre-movente micro-história (GARCIA, 2003, p. 41).

A escola Mura faz parte de um sonho a ser realizado e sonhar, neste caso, “é imaginar horizontes de possibilidades, sonhar coletivamente é assumir a luta pela construção das condições de possibilidade” (FREIRE, 2001, p.29). Esta possibilidade configura-se na prática em que problematizam seus anseios e angústias, repensam seus objetivos, tornando-se aos poucos, e cada vez mais cidadãos(as) conscientes de seus direitos e deveres, transformando a realidade em que vivem.

Introduzem, pois, novas práticas frente ao processo de transição social e cultural, inclusive contribuindo para desmistificar a realidade histórica do etnocentrismo e ajudando, assim, a derrubar estereótipos ao mostrar, através da educação escolar, que não estão desconectados(as) do mundo que os(as) cerca e do qual fazem parte, como descreve a fala a seguir:

Sabemos diferenciar, quando a gente fala assim, a gente está na sala de aula diferenciada, a gente já tem rodado quase o mundo inteiro dando uma aula, porque nós começamos lá de baixo, mostrando pro aluno como que é lá fora e como que é aqui. Nós começamos daqui pra lá, ninguém vem de lá pra cá... nós já temos fitas com nossa sala de aula, então a gente passa a fita pros alunos, coloca vídeo, eles olham, agora vamos colocar lá do branco, como é lá também, e assim a gente trabalha em sala de aula com os alunos, mostramos também do branco, mas estamos trabalhando nossa realidade... Até nosso planejamento de aula a gente coloca AMEP. Então muita gente que olhou nosso planejamento de aula disse: que quer dizer AMEP? Fomos explicar que A é da Aldeia, M do Município, E de Estado e P de País... (Professora Amélia, III FÓRUM, 2004).

Estes processos, em alguns momentos, chegam a estar à frente da escolarização do não índio, no sentido de superarem o dualismo entre cultura e escola. Ao contrário, a escola Mura é entendida como parte representada no processo de formação e socialização, assim como no de humanização de seu povo.

A escola Mura promove a interdisciplinaridade, liga-se diretamente às questões sociais e culturais de seu povo, apresenta-se como construtiva da identidade do povo Mura de Autazes e está preocupada com a formação continuada dos(as) professores(as).

### **Os(as) professores(as) Mura e a formação continuada**

Os Mura são altamente reflexivos, dedicam-se com muito afinco e concentração ao que fazem, especialmente quando se trata de sua formação. Não se eximem de questionar, perguntar, “pensar alto” e confessar suas dúvidas. Formação continuada, para eles(as), é um novo caminho, uma nova possibilidade de superar lacunas, melhorar o que fazem e, assim, conseguem fazer políticas alternativas, como o Setor de Educação Indígena Mura (SEIM), inserido na Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC/Autazes), a municipalização do ensino, o concurso com garantia de vagas específicas para os(as) professores(as) Mura, dentre outras.

São, de fato, autênticos educadores, que refletem criticamente sobre sua prática. (FREIRE, 1996, p. 39). Com isso, tendem a melhorá-la a cada dia. No I Fórum, quando respondem à questão: “Em que tradição/tradições se enquadra a prática de formação de professores do Mura-Peara?”, os grupos são unâimes em responder que predomina a de Reconstrução Social, fundamentados no que explica Saul (1996), “o professor é um profissional autônomo que reflete criticamente sobre a prática cotidiana”. Desse modo, complementam: “O professor contribui para a transformação social da sua aldeia, orientando-a política e socialmente”. (Relatório do I Fórum, 2003, p. 10).

Quebram as *armadilhas*, os nós que os aprisionam, adquirindo mais e mais conhecimentos, formando-se continuamente, querendo cada vez mais de sua formação, como expressa este professor, ao escrever sua história de vida:

Comecei o meu primário com 35 anos de idade, pai de três filhos e estudando a educação integrada, fiz o seriado de quinta a 8<sup>a</sup> série. Fiz um curso profissionalizante a nível de segundo grau. Em 89 me formei em técnico em agropecuária e continuei estudando. Em 95, eu fiz a complementação pedagógica, tornando-me professor... Em 99 entrei no Mura PEARA e terminei agora em 2003. Eu tenho dois magistérios, e espero ajudar o meu povo com todas essas minhas experiências, adquiridas durante todos esses anos de luta. Pretendo muito ainda para somar os meus conhecimentos, por exemplo a Universidade, mas só se for indígena, para índio. Como mura que sou me orgulho muito. Quero continuar estudando... (Professor Alderico, I Fórum, 2003).

Percebe-se esse interesse na formação continuada também quando, na avaliação dos Fóruns, se referem aos dias de fórum querendo sempre mais um ou dois dias para efetivarem novas aprendizagens:

[...]. Eu penso que devem acrescentar mais dias, para melhor os debates serem (Professora Maria Rita, III Fórum, 2004).

Quero que acrescente os dias de encontro, pois só dois dias e meio é pouco (Professor Emeson, III Fórum, 2004).

### **Considerações finais**

Nos últimos anos a luta dos Mura, assim como de tantos outros povos indígenas ganhou um importante instrumento de defesa na luta pela valorização e fortalecimento da cultura: a escola. A mesma escola que um dia foi instrumento de homogeneização, hoje lhes proporciona o fortalecimento de sua identidade, (re)significando o que é ser Mura hoje.

É este, portanto, o contexto de luta da cultura Mura no processo da educação escolar: solidarizar-se, buscar alternativas, discutir propostas com toda a comunidade através de conhecimentos adquiridos em sua formação.

Quebram, pois, as *armadilhas* da escola com uma prática propositiva, postura pró-ativa indígena que envolve toda a comunidade, exercita o controle social, articula seu projeto de escola com os desafios e necessidades das comunidades hoje, luta por políticas públicas, financiamentos e formas próprias de “fazer escola” e de ser professor(a). Tal como a madeira da castanheira – muito resistente -, o Mura, por sua capacidade de resistir, metaforicamente, assemelha-se a uma “madeira de lei”, como bradam entre eles(as) mesmos(as).

Ao finalizar este texto, colocamo-nos em consonância com D’Angelis (2006) quando expressa na poesia dedicada aos(as) professores(as) Mura<sup>4</sup>:

“Salve o ‘mora’, rápido na hora de reconhecer o perigo  
e rapidíssimo em escolher as águas certas para seguir a vida”.

<sup>4</sup> “A última invasão dos Mura à cidade de Manaus no ano do Senhor de 2006”, de autoria de Wilmar D’Angelis, Manaus, 14/12/06.

## **Referências**

- ANDRÉ, Marli e. D. A. *A pesquisa no cotidiana escolar*. In: Fazenda, Ivani (org.). *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.
- GARCIA, Wladimir Antônio da Costa. Éticas Contemporâneas e Meio Ambiente. In: GUIMARÃES, Leandro Belinaso (org.) et all. *Tecendo Subjetividades em Educação e Meio Ambiente*. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2003. 179p. (Coleção Cadernos CED;6).
- FREIRE, Paulo, FAUNDEZ, Antonio. *Por uma pedagogia da pergunta*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. (Coleção Educação e Comunicação; v. 15).
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção leitura).
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. Ana Maria Araújo Freire (org.). São Paulo: UNESP, 2001.
- OPIM. Projeto Político-Pedagógico da Escola Indígena Mura, Autazes, 2003.
- SAUL, Ana Maria. Uma nova lógica para a formação do educador. In: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani, SILVA JÚNIOR, Celestino Alves da. *Formação do educador*. Vol. 1, São Paulo: Editora da UNESP, 1996.
- SILVA, Rosa Helena Dias, BONIN, Iara Tatiana. Pedagogia e escola indígena, escola e pedagogia indígena. In: VEIGA, Juracilda, D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. *Escola indígena, identidade étnica e autonomia*. Campinas, SP: ALB, 2003 (p. 33-42).
- UFAM/OPIM/FAPEAM. Relatórios dos I, II, III, IV, V e VI Fóruns de Formação Continuada Mura, Manaus/Autazes, 2003/2005).
- UFAM/PROLIND. Relatório do Projeto de Curso de Licenciatura Específica de Professores Indígenas Mura, 2007.